

Considerações finais

O objetivo desta pesquisa foi investigar como de fato se dão as relações sócio-discursivas no espaço escolar, tendo em vista que a escola é responsável pela educação da cidadania e pela formação intelectual e humana do indivíduo.

As crianças e adolescentes em idade escolar são influenciados de forma significativa pelas experiências desse período. Essas vivências irão moldar suas personalidades e interferir nos processos de aprendizagem e nas suas concepções de mundo.

Este estudo pautou-se basicamente na exploração da linguagem discursiva utilizada para referir-se ao negro ou afro-descendente e sua relação com a formação identitária desses indivíduos. Como afirma Loureiro (2004), os jovens adolescentes precisam chegar a uma definição de suas identidades e para isso projetam suas imagens no outro. Precisamos nos ver no outro ou ouvir e ver como somos vistos. Somos construídos através do outro. Os jovens negros não identificam sua própria imagem no outro, pois essa imagem é considerada socialmente como não digna de apreço. Desse modo, incorporam de tal forma o preconceito racial que sua imagem é totalmente negada. Esses jovens veem como feio tudo o que é estigmatizado pela sociedade: a cor da pele, o cabelo, a cultura, os traços étnicos. Como bem salienta Loureiro (2004), as crianças submetidas a uma ideologia de desqualificação têm suas identidades prejudicadas, desenvolvem uma baixa auto-estima, um sentimento de menos valia.

Os apontamentos confirmam nossa hipótese inicial de que o preconceito arraigado na sociedade e na mídia é reproduzido de igual forma no espaço escolar. As discussões sobre racismo na sociedade não norteiam a prática dos docentes. A história do negro não é historicizada, mas reproduzida sob o ponto de vista de quem escravizou. Assim, as concepções que os alunos têm do povo negro são pautadas pela diferença que não pode significar nada positivo, pois foram submetidos a um padrão que exclui de forma cruel todos aqueles não pertencentes ao grupo.

Desse modo, identificamos no grupo de docentes participantes da pesquisa algumas crenças que regem o modo de atuação em sala quanto às questões raciais: a crença de que não há problemas raciais e sim problemas de ordem disciplinar apareceu nos discursos dos participantes inicialmente. A atribuição à família por

problemas disciplinares que ocorrem na escola é uma prática comum entre os docentes. Revela de certa forma uma posição elitista, pois passa a idéia do velho conceito de “berço”. Não raras vezes ouvimos alguém dizer que certos comportamentos “vêm de berço”. Está implícito, nesse termo, não apenas um conceito de classe social, mas também um preconceito contra quem não tem berço. O que significa ter berço hoje? Os relatos apontaram para formação familiar constituída basicamente por pai, mãe e irmãos. Mas, muitas crianças têm pais separados ou são educados pela avó. Muitas mães criam seus filhos sozinhas, outras crianças são educadas pelos tios e assim por diante. O conceito de família mudou muito nos últimos tempos. Na maioria dos relatos os professores atribuem à família estruturada do modo tradicional o poder de resolver todas as situações escolares. Contudo, os tempos são outros, os valores mudaram e as famílias estruturadas ou não, também mudaram. A presença do pai e mãe presentes não garante a formação de um adolescente socialmente saudável. Existem complexidades nessa formação. Há influências externas que interferem nesse processo. A escola por si só se constitui numa forte influência na formação de crianças e adolescentes.

Outro posicionamento encontrado na pesquisa e que aparece nas falas de professores e alunos é a “tolerância com as diferenças”, ou seja, deve-se tolerar e aceitar o que é diferente, contudo nesse posicionamento não estão implicadas as discussões acerca da ideologia da normalização, dos padrões pré-estabelecidos. Ser tolerante apenas, não muda visões preconceituosas que estão arraigadas no imaginário das pessoas, visões cujas representações determinam o modo de estar e agir no mundo. As visões de aceitação das diferenças sem problematizá-las levam à comodidade de manter o outro que é diferente à distância, pois é muito cômodo dizer “eu aceito, mas desde que não se aproxime muito”. Desse modo, os racistas dizem que não têm preconceito racial, mas se tiverem que contratar alguém da etnia negra usarão de argumentos que os isentem da responsabilidade e do compromisso social de mostrar aos outros que o preconceito racial deve ser visibilizado e combatido.

Outra postura frente ao racismo evidenciada nos discursos, tanto de alunos como de professores, foi a de mascarar o racismo por trás de “brincadeiras”, desse modo as piadas aparecem marcadas nas conversas sobre relações étnicas entre brancos e negros. Os adolescentes acreditam que estão apenas brincando com

suas piadas e xingamentos: “*eu xingo na paz*”. Os docentes participantes da pesquisa conhecem bem a brincadeiras e xistes sobre negros e aparentemente encaram como divertimento as piadas “inocentes” que fazem entre si e com os colegas negros.

Observamos que o preconceito racial na escola, bem como na sociedade, pode ser mudado desde que haja problematização das raízes que provocaram esses conceitos equivocados de raça como sinônimo de separação social. É preciso evidenciar o que está posto. Desmascarar os discursos que insistem em justificar a ausência dos negros em determinados espaços simplesmente por parâmetros de ordem sócio-econômica. A condição sócio-econômica do negro está implicitamente ligada à condição racial pela qual o negro foi historicamente submetido. Do contrário, como já foi repetido por inúmeros pesquisadores das questões raciais, teríamos uma representatividade maior de negros em muitos espaços sociais. Acreditamos que mostrar essa situação às pessoas é o primeiro caminho para uma educação mais justa e igualitária. Muitas observações quanto à presença dos negros em alguns espaços sociais foram feitas no grupo participante da pesquisa e muitos disseram não ter ainda percebido essa situação.

A visibilização do problema mostrando as tramas ideológicas e discursivas, principalmente, pode promover uma mudança sócio-ideológica e uma conseqüente mudança nas práticas discursivas. Essa linguagem negativa em relação ao negro pode ser desconstruída através de ações que reconheçam a pertinência de discussões em torno de questões raciais. Tornar visíveis situações discriminatórias que acontecem sutilmente através da linguagem, pode tornar mais produtivo o trabalho de desconstrução de estereótipos e ideologias de submissão racial. Só é possível discutir ou combater aquilo que de fato existe. Sabemos que a linguagem utilizada cotidianamente esconde termos de cunho racista e que foram naturalizados socialmente, mas que provocam em quem os ouve um desconforto grande. Desse modo, a linguagem carrega o peso da ideologia e da cultura de seu tempo o que torna a discussão em torno dela fundamental.

Esperamos que o presente trabalho, que representa apenas um pequeno passo para repensar a condição social do negro, não apenas no espaço escolar, mas em toda a sociedade possa contribuir para reflexões futuras e ampliação de outras pesquisas na área de relações sócio-discursivas sobre o negro, seja

repensando o conteúdo linguístico pelo qual todos os saberes são postos, seja na crítica e problematização de situações sociais que precisam ser trazidas para dentro do espaço escolar e serem discutidas com os alunos.

Nosso trabalho constitui-se numa semente que deseja multiplicar-se, que busca encontrar terreno fértil, mas se não encontrar, oxalá que resista à aridez e vingue, mostrando que a tendência é sempre para a vida, para a luz e nunca para o oposto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE)*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985, 2ª edição.p. 67-81

ANDRADE, Inaldete Pinheiro de. Construindo a Auto-Estima da Criança Negra, In: Superando o Racismo na Escola. MUNANGA, Kabengele. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Fundamental. 2001. p. 111-118

BAKHTIN, Mikhail/VOLOSHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Editora Hucitec, 2004.

BARBIER, René. *A pesquisa-ação*. Tradução de Lucie Didio. Brasília: Líber Livro Editora, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*; tradução, Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BRANDÃO, André Augusto Pereira. Raça, demografia e indicadores sociais. In: *Relações Raciais e Educação: novos desafios*. Iolanda de Oliveira (org), Rio de Janeiro: DP& A, 2003. p. 19-31.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. *Educação anti-racista: Caminhos Abertos pela Lei Federal nº 10.639/03*. Brasília: SECAD, 2005. 236 p. (Coleção Educação para todos)

BRASILIA: Educação como exercício da diversidade. UNESCO, MEC, ANPED, 2005. (Coleção Educação para todos; 6).

CARVALHO, Marília. Quem é negro, quem é branco: desempenho escolar e classificação racial de alunos. *Revista Brasileira de Educação*, jan/fev/mar/abr. n. 28, 2005 *apud* REIS, Rosani Clair da Cruz. Diversidade étnico-racial: abordagens folclóricas predominam na aplicação da Lei Federal 10.639/03. Dissertação de Mestrado- UNIOESTE, 2008.Cascavel PR.

CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. Petrópolis, RJ: vozes, 2008 p. 12-48; 77 -132.

CLICK, Ciência. Africano é menos inteligente, diz Nobel. Disponível em: <<http://www.ufscar.br/~clickcie/print.php?id=450>> acesso em 18 jul. 2010.

CORDEIRO, Maria José de Jesus Alves. Negros e indígenas cotistas da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul : desempenho acadêmico do ingresso à conclusão de curso. Orientador: Profº Drº Alípio Márcio Dias Casali. 2008. 260 p. Tese (Doutorado em Educação-currículo) PUC – São Paulo

CORREA, Vera. Elaboração da dissertação de mestrado: algumas diretrizes. Instituto Superior de Estudos Pedagógicos, Departamento de Pesquisa e Pós-graduação – Rio de Janeiro: Reflexus, 2001.

FABRÍCIO, Branca Falabella. Linguística Aplicada como espaço de desaprendizagem: redescritões em curso. In: MOITA LOPES, L. P.(org) Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 45 - 63

FAIRCLOUGH, Norman. Discurso e mudança social. Izabel Magalhães, coordenadora da tradução. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

FANON, Frantz. Pele Negra, Máscaras brancas. Rio de Janeiro: Editora Fator, 1983. p. 7-113

FRANÇA, Junia Lessa. Manual para Normalização de Publicações Técnico-científicas. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

FERNANDES, Cleudemar Alves. Análise do discurso. Reflexões introdutórias. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. Formação de professores raça/etnia: reflexões e sugestões de materiais de ensino. Cascavel: Coluna do Saber, 2006.

FOCHZATO, Márcia Andréia dos Santos. “Nós só conseguimos enxergar dessa maneira... Representações e Formação de Educadores. Orientadora: Terezinha Machado Maher. 2010. 176f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) Universidade Estadual de Campinas. 2010

FOUCAULT, Michel. A arqueologia do Saber; Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007 – (p. 21-150)

FREITAS, P. H. Dissertação de Mestrado: Preconceito racial no discurso do humor: um viés de construção da identidade negra. UNIOESTE – Cascavel. 2007.

GARCIA, Renísia Cristina. Identidade fragmentada: um estudo sobre a história do negro na educação brasileira: 1993-2005. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2007.

GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade. Rio de Janeiro: LTC, 1988. 4 edição. p. 11-72

_____. A Representação do eu na vida cotidiana; tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis, Vozes, 1985. p. 11-100.

GOMES, Nilma Lino. Educação, Relações étnico-raciais e a Lei 10.639/03. Disponível em <[HTTP://www.acordacultura.org.br/artigo-25-08-2011](http://www.acordacultura.org.br/artigo-25-08-2011)> Acesso em: 30.08.11

GOMES, Nilma Lino. Educação e relações Raciais: Refletindo sobre Algumas Estratégias de Atuação, In: Superando o Racismo na Escola. MUNANGA, Kabengele. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Fundamental. 2001. p. 137-149.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. Metodologias qualitativas na sociologia. Petrópolis, RJ, 1987.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 8 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003

LÉVINAS, Emmanuel. Entre nós: ensaios sobre a alteridade. Tradução de Pergentino Pivato. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

LOUREIRO, Stefânie Arca Garrido. Identidade Étnica em Re-construção. A ressignificação da identidade étnica de adolescentes negros em dinâmica de grupo na perspectiva existencial humanista. O lutador. Editora

LOURENÇO, Conceição. Racismo: a verdade dói: encare. São Paulo: Editora Terceiro Nome: Mostarda Editora, 2006.

MARTELOTA, Mario Eduardo, (org). Manual de Linguística. São Paulo: Contexto, 2008.

MATO GROSSO DO SUL – Secretaria de Estado da Educação. Caderno de Diálogos Pedagógicos – Combatendo a Intolerância e Promovendo a Igualdade Racial na Educação Sul-Mato-Grossense. SED – MS, 2005.

MOITA LOPES, Luis Paulo da. Identidades Fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero, e sexualidade em sala de aula. Campinas. SP: Mercado de Letras, 2002 (coleção Letramento, educação e Sociedade). p. 25-81

MOITA LOPES, Luis Paulo da (org). Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

NASCIMENTO, A. P. Qual a condição social dos negros depois do fim da escravidão? O pós-abolição no ensino de História. In: SALGUEIRO, M. A. A República e a questão do negro no Brasil. Rio de Janeiro: Museu da república 2005. p. 11-26. *apud* GARCIA, Renísia Cristina. Identidade fragmentada: um estudo sobre a história do negro na educação brasileira: 1993-2005. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2007.

MUNANGA, Kabengele (org). Superando o Racismo na escola. Brasília, 3ª ed. 2001. Ministério da Educação Fundamental. 2001

OLIVEIRA, Iolanda de (org). Relações raciais e educação: novos desafios. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 107-141

ORLANDI, Eni P. Análise do discurso: princípios e procedimentos. 7ª Ed. , Campinas, SP: Pontes, 2007.

PENNYCOOK, Alastair. Uma Linguística Aplicada Transgressiva. In: Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar. Luiz Paulo da Moita Lopes (org). São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 67 – 83

POSSENTI, Sírio. Os limites do discurso: ensaios sobre discurso e sujeito. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. p. 33-46

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Repensar o papel da linguística aplicada. In: Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar. Luiz Paulo da Moita Lopes (org). São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 149-166.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

REIS, Rosani Clair da Cruz. Diversidade étnico-racial: abordagens folclóricas predominam na aplicação da Lei Federal 10.639/03. Dissertação de Mestrado-UNIOESTE, 2008. Cascavel PR.

SALES Jr., Ronaldo. Democracia Racial: o não-dito racista. In: Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 18, p. 229-258. disponível em www.scielo.com.br

SANTOS, Joel Rufino dos. O que é racismo. São Paulo: Brasiliense, 1991.

SANTOS, Ricardo Ventura; MAIO, Marcos Chor. Qual “retrato do Brasil”? Raça, biologia, identidades e política na era da genômica. Mana, Rio de Janeiro, V. 10, nº 1, 2004. Disponível em <http://www.scielo.br>”

SIGNORI, I.; CAVALCANTI, Marilda (orgs). Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade – questões e perspectivas. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

SIGNORI, Inês (org). Língua(gem) e Identidade. Elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas: Mercado de Letras. 1988.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais/Tomaz Tadeu da Silva (org). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 7ª ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

STROZENBERG, Ilana e CONTINS, Márcia (2007). Raízes coloniais – jovens negros resgatam sua identidade social com vistas na inclusão. Revista de Sociologia Ciência & Vida. Ano I, nº 11. p. 42-51

THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez, 2003.

THOMPSON, John B. Ideologia e Cultura Moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995. p. 105-157; 165-212.

VAN DIJK, Teun A.(Organizador). Racismo e discurso na América Latina. São Paulo: Contexto, 2008.

_____ Discurso e Poder. São Paulo: Contexto, 2008.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma Introdução teórica e conceitual. In: Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. SILVA, Tomaz Tadeu da. 7 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

ANEXOS

ANEXO A

DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO DA PESQUISA

Eu,....., portador/a do CPF nºe do RG nº....., órgão Expedidor, UF, professor/a lotada na Direção da escola, declaro ao Curso de Pós-graduação *Stricto Sensu* Mestrado em Letras, da Universidade Federal da Grande Dourados _ UFGD/Dourados, para os devidos fins e a quem interessar possa, que estou ciente da participação desta escola No Projeto de Pesquisa que investiga a temática “REPRESENTAÇÕES SÓCIO-DISCURSIVAS E IDENTITÁRIAS NO ESPAÇO ESCOLAR – ETNIAS NO CON(TEXTO)”, bem como dos meus direitos garantidos pelo Acordo Internacional sobre Direitos Cívicos e Políticos, pela constituição Federativa do Brasil de 1988 e pela Legislação Brasileira correlata.

Dourados, _____ de _____

Direção

ANEXO B

AUTORIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES

Eu, _____ RG _____, venho por meio desta, autorizar a utilização de informações e atividades escritas, geradas durante o curso de extensão, e por mim concedidas para o trabalho de pesquisa da Professora Marina Oliveira Barboza Brandão, RG _____, no Mestrado em Letras da UFGD – Dourados, intitulado: “Representações sócio-discursivas e identitárias no espaço escolar – etnias no con(texto)”, de acordo com suas necessidades, **não revelando, contudo, em nenhuma circunstância**, informações que identifiquem a mim ou a/s escola/s por mim citadas.

Dourados _____ de _____ de _____

Assinatura

ANEXO C

**CURSO DE EXTENSÃO
RELAÇÕES INTERÉTNICAS NO AMBIENTE ESCOLAR: AFRO-DESCENDENTE NO
CON(TEXTO)**

NOME: _____ Função: _____

1. Em sua experiência escolar você já observou problemas de relacionamento interétnico entre os alunos? Conte como aconteceu?

2. Qual a sua percepção sobre os problemas de indisciplina em sala de aula?

2.1. Quem são os alunos que mais apresentam dificuldades de relacionamento ou socialização na escola? Qual o perfil desses alunos?

2.2. Qual o perfil étnico da maioria **desses alunos**?

- () branco
- () preto/negro
- () pardo
- () amarelo
- () outro Especifique: _____

ANEXO D

QUESTIONÁRIO PARA OS PARTICIPANTES DO PROJETO DE EXTENSÃO ⁶

1. O IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) categoriza e classifica a população brasileira por cor/raça. Por favor, escolha sua categoria.

- Branco ()
Preto ()
Pardo ()
Amarelo ()
Outro () Especifique

2. Explique: por que você escolheu essa categoria?

3. Quais os problemas que você enfrenta como professor no contexto escolar?

4. O que significa ser professor para você?

5. Você acha que sua raça/etnia influencia seu trabalho de professor com os estudantes de outras etnias (afro-descendente, euro-brasileiro, indígena, etc.)? Como?

6. Como você enxerga a questão da raça/etnia no Brasil?

7. Qual a relação entre raça/etnia e distribuição dos bens culturais e econômicos no país?

8. Como as experiências raciais dos meus alunos podem influenciar meu trabalho como professor?

⁶ Parte das questões foram adaptações do livro: Formação de professores Raça/Etnia da Prof^a Dr^a

ANEXO E

RELAÇÕES INTERÉTNICAS NO AMBIENTE ESCOLAR: AFRO-DESCENDENTE NO CON(TEXTO)

Filme Olhos Azuis

1. Qual foi o impacto sentido por você em relação ao filme “Olhos Azuis”?

1.2. Que aspectos mencionados no filme estão ou podem estar relacionados com as relações interétnicas do seu cotidiano escolar ou social?

ANEXO F

Situação 1.

Joãozinho, um garoto levado, afro descendente foi xingado hoje de “*preto safado e encardido*” durante a aula de história. Se você fosse o professor ou professora em sala de aula o que faria? Quais as representações contidas no adjetivo dado a Joãozinho?

Situação 2.

Ana é uma menina de cabelos crespos, pele negra, é alegre, inteligente e gosta de participar das atividades escolares. A escola irá encenar uma peça natalina e convidou algumas garotas para representarem a mãe de Jesus. Ana se ofereceu, mas foi rechaçada pelos colegas: “*A mãe de Jesus não era negra*”. E agora, como resolver a situação?

O que você dirá aos colegas de Ana?

Porque eles disseram isso?

Situação 3

Carlinhos, um menino afro descendente, não tem um bom rendimento escolar, é muito brigão, bate nos colegas, xinga. Outro dia se meteu mais uma vez em confusão pelo mesmo motivo:

Paulinho *_Passa a borracha, ô Bombril.*

Carlinhos *_ Bombril é tua mãe!*

Paulinho (bate na cabeça do colega) e diz:

_ nego é tudo assim, só presta prá limpar chão.

Carlinhos nem espera o colega terminar e dá uma gravata no colega no meio da aula. Os dois rolam pela sala, enquanto os colegas gritam. A professora leva os dois para a coordenação pedagógica.

O que você acha que aconteceu com esses alunos?

Que tipo de representações Paulinho tem sobre negros?

Porque Carlinhos agiu com violência? Haveria outra forma de agir? Qual?

Situação 4

Claudio, homem negro de 1,80m, advogado , procura um terno com sua esposa, de.... então entrar na loja “Stillus Black and White”:

_ Bom dia posso ajudá-lo? Diz a vendedora com ares pouco amigável.

_ Sim, eu gostaria de ver um terno... (antes mesmo de terminar a vendedora diz que tem um na promoção).

_ Eu não quero o da promoção, quero aquele ali.

_ Mas nós não vendemos à prazo...

_ Tudo bem. Posso olhar o terno?

_ A vendedora mostra a roupa e insiste: aquele da promoção vai ficar muito bem no senhor.

_ Claudio pede 03 modelos de ternos e pede para embalar. A vendedora incrédula, diz:

_ Nós não parcelamos!

_ Vou pagar à vista, diz Claudio.

Comente: que tipo de representações a vendedora faz de Claudio?

O tratamento seria o mesmo se fosse um homem branco?

Comente o tratamento dado aos negros na sociedade em geral.

ANEXO G

QUESTÕES DISCURSIVAS I - ALUNOS

1. IDENTIFICAÇÃO: SEXO: FEMININO() MASCULINO () IDADE:
_____ ANO: _____ turma: _____

Raça/cor : Branco() Preto() Pardo() Amarelo() Indígena ()
Outro() Especifique:_____

2. Qual é o padrão de beleza apresentado pela mídia (telenovelas, propagandas, revistas, jornais, programas infantis, etc). Explique. Descreva o tipo de beleza apresentado.

3. O Fantástico promoveu um concurso nacional denominada “Garota Fantástica” e não havia entre as finalistas nenhuma garota negra e durante as seleções pouquíssimas meninas de origem negra apareceram. Por que você acha que isso aconteceu? Explique

4. O que você acha da representação de atores e atrizes negras nas telenovelas e/ou programas televisivos? Explique.

QUESTÕES DISCURSIVAS: II

1. Na sua escola acontecem situações de racismo ou preconceito racial? Conte alguma situação presenciada por você.

2. Cite frases que você já ouviu em relação ao negro durante os anos em que você esteve na escola.

3. Você já sofreu algum tipo de preconceito racial? Como foi?

